



GT 58. Migrações, Mobilidades e Deslocamentos. As movimentações populacionais na contemporaneidade.

Coordenador(es):

Miriam de Oliveira Santos (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC - Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Daniel Granada da Silva Ferreira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Catarina Chitolina Zanini (ufsm)

Sessão 3

Debatedor/a: Sidney Antonio da Silva (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Desde 2006, esse GT tem buscado refletir sobre as diferentes dimensões e contextos das mobilidades. No século XXI a chamada "crise migratória", o processo de securitização nas fronteiras, a intensificação dos deslocamentos, ganharam uma relevância e urgência significativas que refletem a complexidade dos conflitos de várias naturezas presentes na mobilidade humana. Nesse contexto, homens, mulheres e crianças em movimento categorizados como migrantes, refugiados, deslocados ou pessoas em mobilidade, buscam na migração (com maior ou menor grau de escolha e/ou de protagonismo) um caminho para seus projetos em busca de melhores condições de vida do que têm na sua região ou país de origem. A proposta deste GT é acolher trabalhos que busquem analisar os processos e políticas migratórias considerando que raça, gênero, classe e outros marcadores impactam na compreensão dos processos, no diálogo intercultural e nas interações com a sociedade de acolhimento. Compreender as interações cotidianas e as lógicas classificatórias que são acionadas em função dos processos migratórios, de como os migrantes são categorizados e das novas configurações societárias contemporâneas. O GT propõe a partir de um diálogo interdisciplinar da Antropologia com outros campos, acentuar as trocas de metodologias e experiências de pesquisa nos estudos migratórios, promovendo um aprofundamento em relação às abordagens habituais e acrescentando novas possibilidades para o enfoque antropológico da questão.

Expatriadas brasileiras em Paris: problematização de um projeto migratório aprovado pelo RH

Autoria: Solange Riva Mezabarba (Senai Cetiqt)

Este work tem como objetivo refletir sobre mulheres executivas expatriadas que foram designadas por suas empresas para viver em Paris. Trata-se de uma pesquisa iniciada em 2015 com um grupo de brasileiras enviadas a Paris por suas corporações. ?Expatriado/a? é uma categoria nativa que expressa a prática de algumas empresas de enviarem ao exterior seus executivos por um período de tempo pré-estabelecido, e cujo processo é iniciado pela chefia imediata e aprovada com o pacote de benefícios pelo RH (departamento de recursos humanos). Uma empresa é um microcosmo que opera redes de significados próprios, e é caracterizada, em sua maioria, pela hierarquia. O convite para a expatriação, em muitos casos, pode ser interpretado como promoção, ou pelo menos, um degrau a ser galgado em direção a um nível gerencial superior. Nesse sentido, há valorização da experiência internacional, conferindo prestígio ao funcionário expatriado em relação aos seus pares que permaneceram no país de origem. Há, portanto, uma subordinação



do indivíduo à organização empresarial, onde identificamos o holismo e uma estrutura hierarquizante que influencia, em alguma medida, na ideia de um projeto migratório genuinamente individual. A decisão de aceitar a proposta de expatriação é da executiva, mas como observam as interlocutoras do work etnográfico, as empresas costumam sancionar veladamente executivos que recorrentemente recusam a oferta de sair do país de origem, tornando o ?convite? uma coerção. O dilema feminino é que, ao mesmo tempo em que soa profissionalmente atrativa uma vida transnacional, há fortes entraves à concretização desses deslocamentos ou projetos que podem, à primeira vista, parecer conflitantes com, por exemplo, o desejo de consolidar um projeto de família. Ao tomar a sociedade hindu como objeto de estudo, Louis Dumont coloca em primeiro plano um sistema hierárquico que compõe uma sociedade holística e relacional. Escapar das determinações que o agente social empírico deve assumir nesse sistema só é possível pela morte ou pela renúncia. A renúncia caracteriza o que Dumont chamou de ?indivíduo-fora-do-mundo?, um sujeito que, voluntariamente, se descola do mundo holístico. Gilberto Velho reconhece nas modernas sociedades industriais individualistas as instâncias ?desindividualizadoras?. O campo em Paris sinaliza para um projeto profissional individual tomado a partir de um sistema organizacional hierarquizado que está atrelado a uma instância desindividualizadora. As mulheres que foram enviadas a Paris por suas empresas são parte de um projeto de suas corporações, e embora haja uma narrativa individualista, elas se encontram inseridas na estrutura narrativa que se estabelece no interior das suas corporações.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: